O Banco Mundial vê o trigo como a "lavoura milagrosa" do século XX

O Banco Mundial divulgou, há algumas semanas, trabalho do Consultative Group on International Agriculture (CGIAR) referente à importância da pesquisa fitogenética dedicada ao trigo. Segundo a vice-presidência para o Desenvolvimento Ambientalmente Sustentável, do Banco, o cereal é a "cultura milagrosa" do século, pois os pesquisadores conseguiram retirá-lo de sua restrita distribuição por zonas temperadas e subtropicais, adaptando-o a climas quentes.

O Consultative Group lista cinco razões para a crescente popularidade do trigo nos países em desenvolvimento:

1. Ampliação da demanda: a população dos países em desenvolvimento está consumindo a metade da produção mundial nas mais diversas formas e, nos próximos 10 anos, consumirá 3/5 do total. Desde os anos 60, o consumo do trigo tem crescido 5% por ano nesses países, mais rápido do que qualquer outra lavoura básica.

2. Preços mais baixos e maior conveniência: desde 1965, os preços do trigo caíram 50%. Sob a forma de pão, o trigo reduz o custo do preparo de alimentos e aumenta o tempo disponível das mulheres, importante vantagem, já que a força de trabalho feminina tem-se expandido.

3. Fácil crescimento: o trigo requer menos água do que o arroz, outra importante lavoura básica, e não é tão intensivo em trabalho quanto outros grãos alimentares. Tem poucos inimigos naturais entre os insetos. Graças a anos de intenso trabalho de reprodução de plantas, trigos "modernos" têm, agora, grande resistência às principais doenças. Isso significa que os agricultores pobres de países em desenvolvimento poderão obter rendimento físico estável e adotar com maior facilidade os procedimentos de manejo de pragas que maximizam o uso de medidas de controle biológico, diminuindo o emprego de produtos químicos.

4. Novos trigos: cerca de 75% das variedades panificáveis do trigo de primavera hoje cultivadas nos países em desenvolvimento (sem contar a China) são cruzamentos desenvolvidos pelo Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo (Cimmyt) ou por programas nacionais de pesquisa, a partir de material genético do Cimmyt e do Centro Internacional de Pesquisa Agrícola em Áreas Secas (Icarda). O Cimmyt, localizado no México, e o Icarda, na Síria, são dois dos 16 centros internacionais de pesquisa do CGIAR.

5. Rendimentos maiores: desde o início dos anos 70, o rendimento físico médio do trigo nos países em desenvolvimento dobrou de 1.200kg/ha para 2.460kg/ha, o mais rápido crescimento de produtividade das lavouras alimentícias. Nas últimas duas décadas, 80% da produção adicional de trigo no mundo em desenvolvimento vieram dos maiores rendimentos. Apenas 20% provieram da maior área plantada. Em 1994, os quatro maiores produtores foram a China (101 milhões de toneladas), EUA (63 milhões), Índia (59 milhões), Rússia (32 milhões) e França (31 milhões). Naquele ano, a Ásia colheu 217 milhões de toneladas, ultrapassando os 119 milhões da Europa e os 90 milhões dos países da América do Norte. Apesar dos fortes aumentos na produção dos países em desenvolvimento, eles ainda respondem por 2/3 das importações mundiais, indicando que sua demanda interna cresceu mais do que a produção. As exportações de plantadores tradicionais do mundo industrializado deverão aumentar em futuro previsível, porque a demanda de trigo continua crescendo mais aceleradamente do que a de outros grãos. Os exportadores embarcarão algo em torno de 75 milhões de toneladas do produto para o mundo em desenvolvimento, em 1995/96, segundo previsões correntes.

Nos anos 80 e 90, as variedades desenvolvidas pelos programas nacionais, em colaboração com o Cimmyt e o Icarda, expandiram-se por 16 milhões de hectares nunca antes cultivados com variedades modernas, quase todos de sequeiro e alguns considerados marginais para a produção tritícola. Isso equivale à área conquistada pelas variedades de alto rendimento do Cimmyt, lançadas durante os anos 60 e 70, época da revolução verde, cuja maior parte porém era de terra irrigada, mais custosa. O trigo experimentou crescimento de 96% em seu rendimento físico, entre 1970 e 1994, nos países em desenvolvimento. Esse incremento foi atingido com novos cultivares, variedades denominadas semi-anãs, que crescem apenas a metade do tamanho das variedades mais velhas e são muito mais produtivas. As novas variedades resistentes ao calor permitem aos agricultores produzirem uma segunda safra por ano e terem uma renda extra. O trigo fica como uma lavoura só, robusta, eficiente em água, uma cultura de inverno cultivável em rotação com lavouras de verão, como o arroz, milho, algodão, sorgo e soja. Com menos tempo para a maturação, as variedades modernas permitem aos produtores trocarem as plantações de sequeiro pelas irrigadas, pois sua produtividade física torna mais rentáveis os investimentos em irrigação. Apesar da pobreza generalizada, que tolhe o poder de compra dos consumidores e prejudica o investimento potencial e a renda de muitos pequenos agricultores, os rendimentos do trigo nos países em desenvolvimento (2.400kg/ha) quase igualaram aqueles do resto do mundo (2.600kg/ha). Excederam os da Europa Oriental e da ex-União Soviética de apenas 2 mil kg/ha. Em 1994, o

rendimento físico médio do trigo nos países em desenvolvimento de baixa renda, superiores a 2.600kg/ha, foi maior do que o da América do Norte, de 2.500kg/ha.

Sem maiores ganhos nos rendimentos físicos do trigo na última década, os pesquisadores do CGIAR dizem que estão-se chocando contra a "barreira do rendimento", mas acreditam que ela possa ser quebrada com estudo e pesquisa suficientes. De acordo com análise do Programa de Trigo do Cimmyt, ainda há um fosso entre o que a tecnologia ofereceu e aquilo que os triticultores estão usando. Calculam que os produtores mais desprovidos estão entre 30 e 50% abaixo da curva de tecnologia, o que torna possíveis aumentos de produção sem novos avanços científicos. É importante ressaltar, porém, que esse incremento no emprego de tecnologia dará apenas parte do aumento de 3% da produtividade física necessário para fazer face à demanda. Apenas mais pesquisa poderá assegurar o restante.

Embora uniformes em sua aparência, as variedades modernas de trigo contêm rica diversidade genética. Por exemplo, plantaram-se 49 cultivares em 21 países diferentes, para desenvolver *kaus*, uma variedade de trigo de alto rendimento e resistente a doenças, atualmente cultivada em muitos países em desenvolvimento. O Icarda, com seus associados, está dando origem a variedades modernas para ambientes áridos do Oriente Médio e da África do Norte, usando cultivares comuns na região. As novas variedades, ao invés de reduzir a diversidade no mundo em desenvolvimento, promovem a sustentabilidade e a segurança alimentar para os pobres, incorporando resistência a dificuldades ambientais, como a seca, umidade excessiva, calor, baixa fertilidade do solo e acidez. Contribuem decisivamente para preservar recursos naturais.

África

O trigo torna-se cada vez mais popular no continente africano. Nos últimos 20 anos, sua produção aumentou em 2/3, principalmente graças a um aumento de 60% no rendimento físico médio. A África é também um pesado importador, especialmente para áreas urbanas, em que o pão tem se tornado mais importante. O clima quente e seco na maior parte da África subsaariana limitou a produção local até recentemente. O Sudão, um dos países mais quentes do mundo, introduziu novas variedades tolerantes ao calor e viu a área plantada do trigo expandir-se de 144 mil hectares para 383 mil, entre 1988 e 1992. A produção aumentou de 181 mil para 895 mil toneladas. Até 1960, os cientistas não acreditavam que o trigo poderia crescer ao sul da capital, Cartum, onde a temperatura no inverno atinge o máximo de 30°C. Fracassaram duas tentativas anteriores, em 1918 e 1940, com o objetivo de estender o trigo a essa região durante o inverno relativamente "fresco". O Icarda, em colaboração com a Corporação de Pesquisa Agrícola do Sudão, o Cimmyt e o Global 2000, promoveu variedades e pacotes de práticas agronômicas para as condições sudanesas. Em 1992, 80% da área de trigo foram cultivados com debiera, uma variedade de rendimento elevado e resistente ao calor. Se for plantada entre o fim de outubro e meados de novembro, a safra alcançará a maturação antes que o calor da primavera afete as sementes. Segundo o ministro sudanês da Agricultura e Pecuária, o país tornou-se auto-suficiente e passou até a ter um excedente que ajuda a resolver problemas alimentares nos países vizinhos.

Ásia

O trigo é a segunda mais importante matéria-prima agrícola asiática, e sua demanda tem crescido muito mais do que a do arroz, fornecendo hoje 19,2% do total da oferta de calorias. A Ásia é atualmente líder mundial nos três parâmetros de crescimento: área, produção e rendimento. Sua produção está próxima da metade daquela das colheitas regionais de arroz. Como este último, praticamente todo o trigo é usado no consumo local.

Novas e mais produtivas rotações tornaram-se possíveis com o advento de variedades precoces. A rotação arroz/trigo no sul da Ásia é um bom exemplo, em que o trigo é cultivado no inverno e o arroz no verão, com as duas lavouras recebendo irrigação suplementar ou integral. Esse sistema existia pobremente há 30 anos, mas agora cobre 13 milhões de hectares da melhor terra cultivável da região, alimentando 150 milhões de pessoas.

Na China, o trigo ampliou sua participação no consumo total de grãos, de 23% em 1960 para 32% em 1990. Na Índia, passou de 19 para 31% e na Indonésia, de 1,2 para 5,2%.

América Latina e Caribe

Nesta região, o trigo apresentou considerável crescimento em termos de rendimento físico a produção total, entre 1970 e 1989. Desde então a área colhida decresceu bastante, mas a produção não diminuiu no mesmo ritmo, principalmente porque a produtividade aumentou um pouco. A produção local combinada com as importações somam perto de 14% do suprimento de alimentos.

No que diz respeito ao Brasil, o Banco Mundial, no trabalho em referência, comete alguns enganos. Afirma que a maior parte do trigo brasileiro é produzida nos solos ácidos e mais de 95% provêm de um só estado, o Rio Grande do Sul. Em verdade, na safra de 1995 o Paraná respondeu por 68% da colheita e o Rio Grande do Sul participou com 23%. O Banco também considera que o trigo ajuda a desenvolver a agricultura nos cerrados, reduzindo a pressão populacional em hábitats mais férteis, como as florestas tropicais remanescentes na América Latina.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA